

Antes

Capítulo I

Aos dez anos e enquanto jovem adulto Paul Cézanne (1839/1906) recebe lições de desenho. A sua atracção pela pintura leva-o a rejeitar o curso de direito e a vida fácil a que poderia ter acesso, apesar da oposição por parte do seu pai. Aos vinte e dois troca a cidade natal de Aix en Provence por Paris e candidata-se à Escola de Belas Artes, onde será recusado. Matricula-se então no atelier Libre Suisse, onde conhece Pissarro, Monet, Sisley e Renoir. Rodeado por um Impressionismo florescente, e apesar de acompanhar os seus contemporâneos, as suas obras destoam: parecem pouco delicadas quando comparadas às de outros pintores e a sua inicial preferência pelas cores escuras afigura-se menos apelativas que as quimeras coloridas da maioria dos artistas que exploravam este estilo recém descoberto.

Admirador de Delacroix e Courbet, Cézanne começa por pintar quadros de inspiração barroca, revisitando as obras dos mestres (não só como treino), tal como o *Cristo no Limbo* de Sebastiano del Piombo (cer. 1485 – 1547), já com um intenso uso da espátula e da pincelada pastosa. Nestes recursos técnicos para conferir textura expressiva às formas privilegiados desde o início é possível detectar o seu cunho pessoal. Da década de 60 em diante, candidata-se ao Salon de Paris ao longo de sucessivos anos, sendo sempre rejeitado, até que em 1882 concorre uma última vez, sendo dessa vez azeite. Contudo, isso não o tinha impedido de expor entretanto com alguma regularidade e de, gradualmente, conquistar a admiração dos seus pares e, mais tarde, a do público.

Depois da primeira fase Romântica marcada pelo uso do negro, que durou cerca de dez anos (1861 / 1870) e que não favoreceu a sua reputação, Cézanne regressa por um curto período à Provença, onde voltará intermitente mente, alternando com a capital, ao longo dos dos oito anos seguintes. Junto do (seu) mestre impressionista Camille Pissaro, com quem, entretanto, travara amizade, passa a dedicar-se às paisagens e abandona progressivamente os tons lúgubres. Apesar deste desvio, Cézanne permanece fiel ao seu propósito de fazer do Impressionismo algo «duradouro, digno dos museus.»

Com o passar dos anos reconcilia-se com o pai, mantém as relações de proximidade com a mãe e a irmã, tem uma amante e um filho desta, casa-se, distancia-se da sua mulher, muda-se definitivamente para a Provença, zanga-se com o seu melhor amigo, Émile Zola, a quem era chegado desde a adolescência, e enfrenta crises de humores instáveis. Tudo isto acontece à margem do seu principal objectivo: pintar. Cézanne, percursor, quis pintar a Natureza como se nunca ninguém a tivesse pintado antes. Procurando distanciar-se das muitas fórmulas para encontrar a sua voz, empreende um caminho só seu. A sua arte, e cada vez mais ao longo da vida, é a de um espírito solitário, de um refractário, que trabalha «ingenuamente», seguindo os seus impulsos, quase como um louco.

A noção de uma arte individual, da qual Cézanne é um dos protagonistas emblemáticos, que por sua vez se apoia numa ideia mais geral de liberdade do indivíduo dentro da sociedade, marcou a evolução da arte no século XX e provou cabalmente que aquilo que um homem faz tem sempre um intenso significado para todos¹.

¹ Por volta de 1870 Ambroise Vollard perguntou a Cézanne o que tinha feito durante a guerra, ao que ele respondeu: “Ouça lá senhor Vollard! Durante a guerra pintei muito sobre o assunto”. (Cf. Clive Bell, *Since Cézanne*, BiblioBazaar, p. 50)

Exemplo de revisão simples

© Rita Canas Mendes | Com Texto

Com alterações

Capítulo I

Aos dez anos e enquanto jovem adulto, Paul Cézanne (1839-1906) recebe lições de desenho. A sua atração pela pintura leva-o a rejeitar o curso de Direito e a vida fácil a que poderia ter acesso, apesar da oposição por parte do seu pai. Aos vinte e dois, troca a cidade natal de Aix-en-Provence por Paris e candidata-se à Escola de Belas Artes, onde será recusado. Matricula-se então no atelier Libre Suisse, onde conhece Pissarro, Monet, Sisley e Renoir. Rodeado por um impressionismo florescente, e apesar de acompanhar os seus contemporâneos, as suas obras destoam: parecem pouco delicadas quando comparadas às de outros pintores e a sua inicial preferência pelas cores escuras afigura-se menos apelativa do que as quimeras coloridas da maioria dos artistas que exploram este estilo recém-descoberto.

Admirador de Delacroix e Courbet, Cézanne começa por pintar quadros de inspiração barroca, revisitando as obras dos mestres (não só como treino), tal como o *Cristo no Limbo* de Sebastiano del Piombo (c. 1485-1547), já com um intenso uso da espátula e da pincelada pastosa. Nestes recursos técnicos para conferir textura expressiva às formas, privilegiados desde o início, é possível detetar o seu cunho pessoal. Da década de 60 em diante, candidata-se ao Salon de Paris ao longo de sucessivos anos, sendo sempre rejeitado, até que em 1882 concorre uma última vez, sendo dessa vez aceite. Contudo, isso não o tinha impedido de expor entretanto com alguma regularidade e de, gradualmente, conquistar a admiração dos seus pares e, mais tarde, a do público.

Depois da primeira fase romântica, marcada pelo uso do negro, que durou cerca de dez anos (1861-1870) e que não favoreceu a sua reputação, Cézanne regressa por um curto período à Provença, onde voltará intermitentemente, alternando com a capital, ao longo dos oito anos seguintes. Junto do (seu) mestre impressionista, Camille Pissarro, com quem, entretanto, travara amizade, passa a dedicar-se às paisagens e abandona progressivamente os tons lúgubres. Apesar deste desvio, Cézanne permanece fiel ao seu propósito de fazer do impressionismo algo «duradouro, digno dos museus».

Com o passar dos anos, reconcilia-se com o pai, mantém as relações de proximidade com a mãe e a irmã, tem uma amante e um filho desta, casa-se, distancia-se da sua mulher, muda-se definitivamente para a Provença, zanga-se com o seu melhor amigo, Émile Zola, a quem era chegado desde a adolescência, e enfrenta crises de humores instáveis. Tudo isto acontece à margem do seu principal objetivo: pintar. Cézanne, precursor, quis pintar a natureza como se nunca ninguém a tivesse pintado antes. Procurando distanciar-se das muitas fórmulas, empreende um caminho só seu. A sua arte, e cada vez mais ao longo da vida, é a de um espírito solitário, de um refratário, que trabalha «ingenuamente», seguindo os seus impulsos, quase como se fosse um louco.

A noção de uma arte individual, da qual Cézanne é um dos protagonistas emblemáticos, que por sua vez se apoia numa ideia mais geral de liberdade do indivíduo dentro da sociedade, marcou a evolução da arte no século XX e provou cabalmente que aquilo que um homem faz tem sempre um intenso significado para todos.¹

¹ Por volta de 1870, Ambroise Vollard perguntou a Cézanne o que tinha feito durante a guerra, ao que ele respondeu: «Ouça lá, senhor Vollard! Durante a guerra, pinteí muito sobre o assunto.» (Cf. BELL, C. *Since Cézanne*, BiblioBazaar, p. 50, Charleston, 2009.)

- Eliminado: /
- Eliminado: c
- Eliminado: d
- Eliminado:
- Eliminado:
- Formatada: Tipo de letra: 10,5 pt, Itálico
- Eliminado: l
- Eliminado: s
- Eliminado: va
- Formatada: Avanço: Primeira linha: 1 cm
- Eliminado: “
- Formatada: Tipo de letra: 10,5 pt, Itálico
- Eliminado: “
- Eliminado: er
- Eliminado: –
- Eliminado: c
- Eliminado: ç
- Eliminado: R
- Eliminado: /
- Eliminado: è
- Eliminado:
- Eliminado: dos
- Eliminado:
- Eliminado: l
- Eliminado: .
- Eliminado:
- Eliminado: c
- Eliminado: percursor
- Eliminado: N
- Eliminado: c
- Eliminado: “
- Eliminado: “
- Eliminado: xx
- Formatada: Tipo de letra: 10,5 pt, Maiúsculas pequenas
- Eliminado: .
- Formatada: Justificado
- Eliminado: “
- Eliminado: “
- Eliminado: .
- Formatada: Maiúsculas pequenas
- Eliminado: CLIVE
- Eliminado: p. 50

Depois

Capítulo I

Aos dez anos e enquanto jovem adulto, Paul Cézanne (1839-1906) recebe lições de desenho. A sua atração pela pintura leva-o a rejeitar o curso de Direito e a vida fácil a que poderia ter acesso, apesar da oposição por parte do seu pai. Aos vinte e dois, troca a cidade natal de Aix-en-Provence por Paris e candidata-se à Escola de Belas Artes, onde será recusado. Matricula-se então no *atelier* Libre Suisse, onde conhece Pissarro, Monet, Sisley e Renoir. Rodeado por um impressionismo florescente, e apesar de acompanhar os seus contemporâneos, as suas obras destoam: parecem pouco delicadas quando comparadas às de outros pintores e a sua inicial preferência pelas cores escuras afigura-se menos apelativa do que as quimeras coloridas da maioria dos artistas que exploram este estilo recém-descoberto.

Admirador de Delacroix e Courbet, Cézanne começa por pintar quadros de inspiração barroca, revisitando as obras dos mestres (não só como treino), tal como o *Cristo no Limbo* de Sebastiano del Piombo (c. 1485-1547), já com um intenso uso da espátula e da pincelada pastosa. Nestes recursos técnicos para conferir textura expressiva às formas, privilegiados desde o início, é possível detetar o seu cunho pessoal. Da década de 60 em diante, candidata-se ao Salon de Paris ao longo de sucessivos anos, sendo sempre rejeitado, até que em 1882 concorre uma última vez, sendo dessa vez aceite. Contudo, isso não o tinha impedido de expor entretanto com alguma regularidade e de, gradualmente, conquistar a admiração dos seus pares e, mais tarde, a do público.

Depois da primeira fase romântica, marcada pelo uso do negro, que durou cerca de dez anos (1861-1870) e que não favoreceu a sua reputação, Cézanne regressa por um curto período à Provença, onde voltará intermitentemente, alternando com a capital, ao longo dos oito anos seguintes. Junto do (seu) mestre impressionista, Camille Pissarro, com quem, entretanto, travara amizade, passa a dedicar-se às paisagens e abandona progressivamente os tons lúgubres. Apesar deste desvio, Cézanne permanece fiel ao seu propósito de fazer do impressionismo algo «duradouro, digno dos museus».

Com o passar dos anos, reconcilia-se com o pai, mantém as relações de proximidade com a mãe e a irmã, tem uma amante e um filho desta, casa-se, distancia-se da sua mulher, muda-se definitivamente para a Provença, zanga-se com o seu melhor amigo, Émile Zola, a quem era chegado desde a adolescência, e enfrenta crises de humores instáveis. Tudo isto acontece à margem do seu principal objetivo: pintar. Cézanne, precursor, quis pintar a natureza como se nunca ninguém a tivesse pintado antes. Procurando distanciar-se das muitas fórmulas, empreende um caminho só seu. A sua arte, e cada vez mais ao longo da vida, é a de um espírito solitário, de um refratário, que trabalha «ingenuamente», seguindo os seus impulsos, quase como se fosse um louco.

A noção de uma arte individual, da qual Cézanne é um dos protagonistas emblemáticos, que por sua vez se apoia numa ideia mais geral de liberdade do indivíduo dentro da sociedade, marcou a evolução da arte no século xx e provou cabalmente que aquilo que um homem faz tem sempre um intenso significado para todos.¹

¹ Por volta de 1870, Ambroise Vollard perguntou a Cézanne o que tinha feito durante a guerra, ao que ele respondeu: «Ouça lá, senhor Vollard! Durante a guerra, pinte muito sobre o assunto.» (Cf. BELL, C. *Since Cézanne*, BiblioBazaar, p. 50, Charleston, 2009.)